

MANAUS, AM, 2 DE ABRIL DE 1995

*Senhor Governador do Amazonas, Amazonino Mendes; Senhores Governadores, que conseguiram ficar aqui esse tempo todo, apesar dos muitos afazeres que sei que têm nos seus Estados; Senhores Ministros; Senhores Parlamentares; Senhores Funcionários; Senhoras e Senhores;*

Eu não imaginava que fosse possível, em três dias, ter aprendido tanto, ter sentido tão de perto as vicissitudes e também as esperanças desta região, como disse o Governador, remota do Brasil – talvez o resto do Brasil é que seja remoto desta região – e aprender a acreditar mais ainda nas nossas possibilidades.

Quero agradecer – vou quebrar um pouco o protocolo – aos meus Ministros e à Ministra, e à Secretária, e aos Secretários, que se empenharam, junto com os secretários, com os funcionários dos governos estaduais. Nós aqui comemoramos sobre trabalho durante horas e horas, para que possamos depois nos reunir e dizer que fizemos isso e fizemos aquilo.

Quero agradecer ao Embaixador Sérgio Amaral, que é o porta-voz do Presidente, mas desta vez ele foi o porta-voz do clamor da Amazô-

nia, para o reconhecimento de muitos (*palmas*), e foi a peça fundamental na organização desta viagem. Quero agradecer ao Governador o espírito de cooperação, aquela convergência, sobre a qual já falei tantas vezes, e aquela vontade de entrosamento com o Governo Federal, que nos possibilitarão resolver, juntos, as questões do nosso país.

Ontem, tomei um navio e subi o Rio Negro. Hoje pela manhã, passei para outro navio, que é um navio-hospital, e vi a Marinha brasileira irmanada no nosso esforço de resolver problemas concretos das populações ribeirinhas. Fui lá a cada sala. Há uma sala de operações de urgência e algumas até um pouquinho mais complexas –, há condições de fazê-las a bordo dos dois navios. Vi dentistas, médicos e uma fila de pessoas sendo atendidas. Isso é o Brasil. Porque a Marinha de Guerra do Brasil é também uma Marinha de Paz, uma Marinha de conagração do povo brasileiro. E quero agradecer à Marinha por esse esforço de integração, que tem sido tão eficaz, sobretudo nessa região de imensa quantidade de água, pois, sem os barcos, não nos podemos mover de forma adequada. Usamos helicópteros. Alguns tiveram que recuar por causa da chuva; isso salvou o Ministro Krause de um susto. Mas o meu atravessou a tormenta com tranqüilidade.

Quero, sobretudo, expressar aqui o meu sentimento renovado – aí não é de gratidão, é mais do que isso: é de energia. Hoje eu desci lá em Novo Airão. Ao ver aquela massa da população se precipitar sobre mim, foi como se fosse até em campanha eleitoral, consumindo fisicamente, trocando energia, uma coisa muito forte, me emocionei. Crianças, disse o Governador, velhos, senhoras, moças, todos, com muita vontade de ver que este país tem um rumo. E talvez o fato singelo de o Presidente da República pisar, por muito pouco tempo, numa cidadezinha perdida aí em cima do Rio Negro, já deu a essa gente um sinal de que ela não está esquecida, e certamente abre no coração do Presidente um nicho para que ele não se esqueça nunca dessas populações carentes.

A verdade é que talvez seja isso que tenha mais me tocado, nessa viagem ao Amazonas: a convicção de que nós precisamos mesmo é de agentes comunitários, agentes de saúde, gente que ensine, porque as coisas são simples. Eu perguntava aos médicos que tipo de enfermidade

encontram: é uma inflamação no couro cabeludo, que se cura simplesmente com um pouquinho mais de higiene; é a questão dos dentes, bochechar com flúor. São coisas simples, e tão importantes quanto fazermos um investimento de grande porte, que faremos também. Mas, como já disse e repito aqui, temos que fazer ao mesmo tempo as duas coisas.

E esses projetos agora, na área do turismo, megaprojeto, pequeno projeto, Amazonas/Amapá. Tenho muito carinho pelo Pantanal. (Não está aqui o Dante de Oliveira.) Esses projetos são importantes porque geram trabalho, eles geram ocupação, geram emprego. A razão pela qual eles ocupam tantas páginas no meu programa de campanha é esta: é que realmente, hoje, se quisermos multiplicar as condições de trabalho da população no Nordeste, como aqui na Amazônia, nada gera mais emprego do que o turismo e nada gera mais divisas, também, do que o turismo. O turismo é coisa muito, muito séria e tem que ser feita com o espírito que caracteriza a Ministra Dorothea, o Ministro Gustavo Krause, o Secretário Lucena, o Caíto, que é da Embratur e que está aqui atrás; quer dizer, gente que sabe que o fruto desse esforço não é imediato. A Ministra disse aqui: se nós não começarmos já, não vai acontecer. E o que importa se isso vier a frutificar no próximo Governo? Não tem importância. Nós ontem não colhemos o fruto do trabalho do Ministro Coutinho? Não foi possível levar adiante o projeto que estava iniciado antes? Essa continuidade é que é importante, tendo em vista o bem-estar do nosso povo.

Tenho certeza de que o que foi aqui dito hoje pela Ministra, pelo Governador, que esses projetos vão ser colocados em prática, pode levar um pouco mais de tempo, um pouco menos de tempo, mas vamos colocá-los em prática. E eu queria deixar aqui o meu testemunho, diante da Amazônia, do seu povo, pela televisão, das suas autoridades: o que nós estamos fazendo não são palavras, são coisas concretas. Não pude vir durante a campanha eleitoral, quase não vinha à Amazônia, estive no Pará, estive um pouquinho em Mato Grosso, não fui a Tocantins, não vim ao Amazonas, não fui ao Acre, não fui a Rondônia, não fui ao Amapá, não fui a Roraima – pensei que tivesse ido, tamanha a minha familiaridade. E tive votações acima de 60%, 70% nessas regiões. Não

votaram em mim como pessoa, seria presunçoso da minha parte achar isso: votaram numa esperança para o Brasil, num caminho, que eu no momento simbolizo, e continuo simbolizando, e vou simbolizar, porque esse caminho é o do Brasil. Não é o Presidente Fernando Henrique, é o Brasil que quer acreditar em si mesmo.

Há razões para acreditar, e a razão maior foi essa convergência que nós vimos aqui, e foi este povo singelo que eu vi. Aqui realmente não é mais Inferno Verde, de que se falava tanto quando eu era menino, hoje é outra coisa: é apropriação disso como paraíso, apropriação disso como uma esperança de trabalho, como lazer, como respeito à natureza.

Termino dizendo que, para mim, tudo isso ficou muito fortemente simbolizado pelo que vi ao chegar ontem ao Bosque da Ciência e, hoje, a Novo Airão: é povo, é povo que acredita, é povo ao qual a gente quer bem, e continuo querendo muito bem àqueles que prestam um mínimo de serviço a ele – às vezes menos pelo serviço –, que abra uma luz de esperança a ele. Essa é a nossa responsabilidade, Governadores. Nós temos que manter essa esperança e, para mantê-la viva, temos que ir palmilhando o caminho com algumas realizações, simples, concretas, diretas, para esse povo perceber que ele realmente é um povo que encontra, no nosso país, a dignidade de uma condição humana de vida, ou seja, de respeito, que é uma condição que vai nos permitir, como nos permitirá, buscar mais recursos.

Eu irei aos Estados Unidos este mês e certamente falarei muito forte sobre a Amazônia. E todos aqueles que, no passado, lá fora, imaginavam que nós não tivéssemos cuidado e atenção com a Amazônia, e que fosse preciso dar esse conselho, verão que, se deram conselhos para o bem, foram ouvidos. E eu disse a eles que encontraremos o rumo, que é esse rumo de um desenvolvimento sustentável, que é o que vamos fazer com a Amazônia e com o Brasil.

Muito obrigado.